



OLHANDO FIRMEMENTE PARA JESUS
Autor e Consumador da Nossa Fé (Hebreus 12)

Introdução:

Para uma melhor compreensão do texto sobre o qual vamos meditar durante todo esse ano, é necessário observar que ele vem na sequência de uma exortação do autor da carta aos Hebreus a respeito de Fé. A sua ênfase na natureza, o caráter e a relevância da Fé. A linha mestre do que vamos considerar reside na revelação que ele traz de que “sem Fé é impossível agradar a Deus”. Trata-se de uma impossibilidade, e não de uma dificuldade ou de uma alternativa. Não é que sem Fé seja mais difícil, ou que a Fé seja uma das tantas formas de agradar a Deus. A Fé é a condição única e inegociável para uma relação com Deus; para que possamos experimentar Sua Eterna Vontade.

Não podemos nos lançar a práticas e ações que não sejam geradas e sustentadas em uma Fé genuína e legítima. O apóstolo Paulo escrevendo aos Romanos, capítulo 14, declara que: “tudo que não provem de Fé é pecado”. Logo, o pecado não está apenas no que fazemos, mas principalmente no motivo pelo qual fazemos. Não está definido pela ação, mas pela direção – o motivo e o objetivo de uma determinada ação. Pois, pecado não é só o que fazemos de errado, mas é tudo aquilo que não corresponde ao nosso destino e propósito eternos, que não traduz ou encarna o que Deus planejou para nós.

O texto que antecede a exortação de “olharmos firmemente para Jesus” traz o testemunho daqueles que entregaram suas vidas nas mãos de Deus. Homens e mulheres que se submeteram à Suprema Vontade de Deus, e que renunciaram às suas preferências e expectativas, para irem de encontro ao Eterno de Deus. Gente como nós, que descobriu a segurança de abrir mão dos seus próprios pensamentos e desejos e se entregaram aos desígnios de Deus. Deixaram um legado de esperança: de que mesmo em condições as mais desfavoráveis, ou diante das perspectivas as mais improváveis, podemos vencer alcançando nosso destino. Viveram a sublime experiência de dependerem total e exclusivamente de Deus, para alcançarem o que suas mentes, no melhor de sua criatividade e imaginação, jamais poderiam ter concebido. Andaram por caminhos mais altos que seus próprios caminhos e alcançaram pensamentos maiores que seus próprios



pensamentos. Renderam Glória Àquele que é Poderoso para fazer muito mais além do que podemos pedir ou pensar.

O sucesso dos seus esforços não pode ser avaliado, de uma forma objetiva, pelos resultados obtidos. O seu sucesso estava numa condição mais subjetiva: sua coerência e determinação em viver de acordo com o propósito de Deus. Muitos terminaram como que derrotados pelas circunstâncias, mas vitoriosos porque não se renderam a elas. O êxito de cada um deles estava na forma como enfrentaram cada situação, em como não se corromperam diante das dificuldades ou das facilidades. (Isaias 58, Efésios 3)

O ponto de transição para aquilo que vamos considerar, e que nos ajuda a fundamentar esse entendimento é um “portanto” e não um “talvez seja”, um “que bom se...”, ou ainda um maldito “quem sabe”. Trata-se de uma Conclusão Diretiva e não de uma Percepção Alternativa. Estamos diante de uma direção e não de uma opção. Ou é assim ou não é nada.

1. Olhando Firmemente para Jesus.

Uma vez entendido de que se trata de uma direção, e não de uma alternativa, podemos discernir melhor o que significa essa exortação. Qual é, de fato, a implicação de “fitar os olhos em Jesus”. Que não se trata de uma mera percepção da Sua presença, ou tampouco, de uma observação ou contemplação passiva da Sua figura milagrosa.

“Olhar firmemente” é colocar toda a atenção em; um estado de concentração total; de foco e perspectiva. É a condição essencial de saber qual a direção a ser seguida, sob o risco de que qualquer distração pode nos colocar fora do Caminho. Um estado de alma que sofre a angústia de querer estar totalmente compromissada com a Verdade e que, por isso, abomina o engano e a mentira. O desejo ardente de avançar rumo ao conhecimento, a vontade do aprendizado permanente, de ser guiado pela e para a Luz.

Na sua carta aos Efésios, capítulo 5, Paulo exorta os irmãos a que prestem toda atenção ao caminho que estão percorrendo. Que se dediquem a considerar melhor o seu modo de vida, que observem com mais cuidado a trajetória que estão seguindo.

Nosso desafio de Fé não é simplesmente ter a certeza de que Jesus está perto de nós enquanto caminhamos. Nosso desafio é saber, é ter a certeza, de que estamos indo para o mesmo lugar para onde



Ele vai. Que Ele não é apenas a nossa melhor companhia em nossos caminhos, mas que nós decidimos segui-lo no Seu Caminho. Não se trata de querer que Ele esteja conosco, mas ter a segurança de que nós vamos com Ele.

Ele é o nosso destino, nossa referencia de caminhada, o nosso rumo e propósito. Olhar para Ele é saber para onde estamos indo. Em cada situação, cruzamento ou bifurcação poder identificar qual o Caminho a seguir; receber a Sua Orientação.

Mais do que o desejo de ver nossos problemas resolvidos ou nossas necessidades satisfeitas à nossa maneira, tudo o que queremos é seguir Seus passos; sermos Seus discípulos. Queremos a Sua direção e não apenas a Sua solução. Contudo, podemos dizer que: na razão de 9 para 10, ou seja, 90% das pessoas não querem isso. Quando vêm Jesus, apenas contemplam os benefícios que podem receber Dele. Isso está claro naquela situação em que dez leprosos vieram em busca de cura. A quase totalidade deles, assim que tiveram seus desejos satisfeitos, retornaram aos seus próprios caminhos. Apenas um deixou seu caminho e voltou para segui-lo, para conhecer Sua Vontade, para receber Sua direção. Todos os dez o viram passando e receberam o benefício dessa percepção de oportunidade, mas só um decidiu voltar e “olhar firmemente para Jesus”, porque alcançou uma revelação de destino. (Lucas 17)

No momento que antecedeu a Sua crucificação Jesus e Pedro trocaram olhares, um podia ver o outro. Mas, para infelicidade de Pedro, mais uma vez ele se distraiu. Apesar de seus olhos estarem em Jesus sua atenção estava em outra direção. Isso já tinha acontecido antes, e ele quase se afogou.

O mais comum é pensar que a relação com Jesus vai nos poupar do que Ele passou, e não que nos dará condições de percorrer o mesmo caminho que Ele percorreu. Muitas vezes temos a impressão de que Ele nos levará por um outro caminho, de que existe uma alternativa que não seja o Caminho da nossa cruz. Temos a falsa sensação de que a Sua cruz foi para nos poupar da nossa e não para nos dar a condição de suportá-la.

Desde o início, nosso pecado sempre foi o de querermos o benefício sem o sacrifício. De preferir o prazer à responsabilidade, de buscar a solução fora da direção.

2. Autor da Nossa Fé.



É muito comum pensarmos que Jesus quer ser o alvo da nossa fé. Como se Ele se contentasse em ser o “objeto das nossas crenças”. A religiosidade se mantém através da imagem do Jesus que veneramos, enquanto a verdadeira Fé se alimenta da figura do Jesus que nos inspira. Pois, a Fé não é algo que nasce em nós e termina Nele. A Fé nasce Dele e, por isso, volta para Ele. É o que de Deus se revela através de Jesus que nos leva a crer. O desejo de acreditar que geramos a partir de nossas carências ou presunções forma nossas crenças e corrompem a nossa Fé.

A incredulidade não é falta de fé. Incredulidade é uma fé corrompida pelas impressões e conclusões que sustentamos a partir de nós mesmos, a partir daquilo que faz sentido para o nosso momento ou nossa circunstância. Toda a nossa percepção objetiva que resulta das aparências, das realidades visíveis, das necessidades percebidas, é que dá consistência às nossas crenças – nossa incredulidade. Portanto, a incredulidade é a crença que se opõe à Verdadeira Fé. Enquanto a Verdadeira Fé se fundamenta na revelação pela transformação do entendimento, a crença subsiste da satisfação da necessidade. (Romanos 12 e 16; Filipenses 3)

Quando o diabo apresentou ao homem uma alternativa “satisfatória” para o que Deus havia revelado, induzindo-o a confiar na sua percepção, nos seus sentidos, isso gerou nele uma crença. A idéia de que alguma coisa boa poderia nascer de nós mesmos e nos conduzir a Deus foi a semente de nossa credice, o início de tudo de ruim que há em nós. O pecado não foi simplesmente ter feito a coisa errada, mas pensar que faríamos a coisa certa sem Deus. A origem ao pecado foi tirar Deus do principio e colocá-lo no fim; pensar que a Fé é para que nosso desejo fosse satisfeito, e não para que Sua Vontade fosse feita.

Uma das crises dos últimos dias profetizada na Palavra de Deus é a crise da fé. Porventura, quando o Filho do Homem vier encontrará Fé na terra? (Lucas 18)

Na medida em que a humanidade se torna mais “crente” menos ela desenvolve a sua fé. Quanto mais ela confia em sua capacidade de acreditar, de saber projetar suas expectativas para Deus, menos se interessa por aquilo que Ele quer revelar. Quanto mais nos dedicamos ao que temos para falar a Deus, baseados no interesse sincero de que nos ouça, menos estamos interessados em ouvir o que Ele tem para nos dizer.



“A Fé vem pelo ouvir e ouvir da Palavra de Deus”. Portanto, não está na capacidade de convencer a Deus para que nos responda conforme pensamos ou queremos que um Deus responda. A Fé, entretanto, está em que: tendo ouvido o que Deus disse, respondemos a Ele.

Para que não haja qualquer dúvida quanto ao verdadeiro sentido dessa exortação, à natureza e caráter da nossa Fé, a carta aos Hebreus começa pela declaração de que Deus já havia nos falado de várias outras formas, mas que, agora, nos fala por meio de Seu próprio Filho – Aquele que é a exata expressão do Seu Ser. (Hebreus 1)

Só é Fé quando a Vontade de Deus é revelada, traduzida, materializada, manifesta, realizada. A Fé é para que a vontade de Deus seja feita e não nossos desejos satisfeitos.

Jesus é o Autor da nossa Fé porque nos mostrou o que é encarnar a Vontade de Deus, o que é ser guiado pelo Espírito de Deus. Ele nos revelou o que é ser alguém que tem a plena consciência de ter sido gerado a partir do que Deus diz, segundo a operação do Espírito Santo. O que significa ter pleno conhecimento do Pai, e correspondê-lo em tudo. Ser a exata imagem de Quem o Pai é. De tal modo de que aquele que vê o Filho vê, também, o Pai que o gerou. Ele é o modelo da nossa Fé porque tem perfeita consciência de Quem é o Autor.

3. O Consumador da Nossa Fé.

Uma vez que a Fé foi gerada a partir do que de Deus se revela, então ela é, também, a inabalável convicção de que tudo será exatamente como Ele disse que seria. Não há como qualquer um dos Seus planos ser frustrado. Ai está o segredo da nossa maturidade de Fé.

Num certo sentido, poderíamos dizer que Jó já havia visto Deus, mas depois da experiência de desconstrução de seus pressupostos, ele pode “olhar mais firmemente” para Ele.

Finalmente se libertou daquilo que o distraía, e pode conhecer a Deus verdadeiramente. E, quais eram suas distrações, senão suas crenças? Aquilo que ele havia concluído de Deus sem a revelação vinda de Deus. Até aquele momento, para Jó, Deus era o fim sem que tivesse sido o princípio. Deus era o seu objeto da sua fé, mas não a sua razão de Fé. Sua submissão a Deus tinha mais o tom de resignação do que de verdadeira submissão. Não lhe faltava



sinceridade, mas ainda lhe faltava um pouco de sensibilidade, de atenção. Ele já sabia que Deus era Quem que poderia salvá-lo, mas faltava-lhe conhecê-lo como Seu Absoluto Senhor.

Nossa dificuldade é que o conceito isolado da Soberania de Deus vai sempre nos parecer algo sombrio, despótico, tirano. A não ser que essa compreensão venha segundo a revelação de um Filho; que nos mostre a Natureza Paterna de Deus. A sublime convicção de que o Absoluto Senhor é antes de tudo o Pai – Aquele que gerou, que concebeu de Si mesmo.

Jó sabia que Deus pode fazer o que quer simplesmente por ser Deus. Contudo, seu entendimento foi transformado pela revelação de que Deus não é apenas o fim, mas também a origem de tudo. Mais do que Seu poder, ele agora conhecia Sua Natureza e Seus motivos.

A plena revelação do Ser de Deus só poderia vir pela instrumentalidade do Filho. A criação anseia ser redimida da sua escravidão pela revelação dos filhos de Deus. (Romanos 8)

“Todos os que O receberam, receberam o poder de serem chamados filhos de Deus. Filhos que não nasceram por descendência natural, nem da vontade da carne, nem pela vontade de homem algum, mas nasceram de Deus”. (João 1)

Jesus é a semente de quem já somos e a expressa imagem de quem seremos, porque somos filhos do mesmo Pai. Nossa Fé é que já estávamos Nele quando do Pai Ele foi gerado e, por isso, estaremos Nele e com Ele quando em glória Ele for revelado. Não foi nossa Fé que nos tornou parte Dele, mas a revelação de que estávamos Nele desde o principio é que gerou em nós Fé. Quando Cristo se revelar em Glória nós seremos revelados juntamente com Ele, então conheceremos a nós mesmos como já somos conhecidos por Ele. A partir daquele dia não necessitaremos mais da Fé; pois a Fé é a certeza do que ainda não se vê. Seremos, então, sustentados unicamente pelo Amor, que é o pleno conhecimento de Quem Deus é e de quem nós somos Nele.

A idéia de que Jesus é o consumidor sem que Ele seja também o autor da nossa Fé alimentaria nossa presunção, e nos encheria de expectativas. Por outro lado, a idéia de que Ele é o autor, mas não necessariamente o consumidor da nossa Fé, alimentaria nossa ansiedade e nos encheria de amargura.

“Tendo por certo isso mesmo, que Aquele que começou a boa obra em vocês, vai aperfeiçoá-la até o dia de Cristo Jesus”.(Filipenses1)



“Vejam como é grande o Amor que o Pai nos concedeu: sermos chamados filhos de Deus, o que de fato somos! Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos exatamente como Ele é, pois O veremos como Ele é”. (I João 3)

4. Conclusão.

Jesus é o Autor e o Consumador da nossa Fé porque é a revelação da nossa origem e do nosso destino. Ele encarnou diante de nós essa consciência. Em todo o tempo Ele mesmo foi guiado por essa revelação, fortalecido por essa convicção e consolado por essa esperança. O Espírito que estava Nele e sobre Ele, testificando ser Ele o Filho de Deus, é o mesmo Espírito que está em nós e sobre nós, testificando que somos filhos de Deus.

Foi essa a revelação que o sustentou nos Seus encontros, e que o ajudou a fazer os sacrifícios próprios da sua missão. Suas ações não estavam pautadas por expectativas, mas por revelação. Seu sofrimento não vinha de alguma dúvida ou ansiedade, mas da angústia que antecipa as dores de quem está disposto a sacrificar tudo para caminhar com Deus. A agonia de saber que Vontade do Espírito não compatibiliza com a satisfação dos desejos da carne.

Olhar firmemente para Jesus significa meditar nessa revelação dia e noite, para que não sigamos nossos próprios caminhos. Significa ter nosso entendimento transformado de tal maneira que passamos a viver segundo nossa natureza transcendente, segundo uma percepção de eternidade. Ser movido de uma disposição que não se abala ou corrompe pelas situações ou pelas circunstâncias. Ser iluminado e ser luminoso. Não depender de outra coisa qualquer que não seja a Graça suficiente de Deus. Ter a segurança de que nossa força não vem da nossa capacidade, mas da nossa dependência e submissão. Suplicar a Deus que o nosso coração seja estribado, enquadrado, formatado, esquadrihado na Sua Vontade Soberana e Eterna.

“Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; confere e examina cada um dos meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho traçado por uma mente confusa, e guia-me pelo Caminho que vem da Eternidade e vai para a Eternidade”.
(Salmo 139)